



GT 02. Amazônia e Nordeste indígenas: por uma etnologia transversa

Coordenador(es):

Maria Rosário Gonçalves de Carvalho (UFBA)

Florêncio Almeida Vaz Filho (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará)

Sessão 1

Debatedor/a: Ugo Maia Andrade (UFS - Universidade Federal de Sergipe)

Trata-se de reeditar o fórum de debates – iniciado há quase uma década nos espaços da RBA e REA – em busca de confluências etnográficas entre sistemas ameríndios na Amazônia e no Nordeste/Leste brasileiro, regiões cujas etnologias tradicionalmente vêm conservando, uma em relação à outra, reservas e antíteses de naturezas conceitual, metodológica e ideológica. Mais que ratificar distinções, cabe procurar as membranas e intersecções entre as etnologias produzidas sobre ambas as regiões, seja, por exemplo, através de pesquisas sobre sociogêneses na Amazônia ou sobre o xamanismo atinente ao complexo do Toré no Nordeste/Leste. Nesse espírito, o GT pretende reunir comunicações interessadas na construção de comparações etnológicas Amazônia-Nordeste/Leste a partir de eixos comuns que modulam relações interindígenas ou entre índios e não índios – sob olhares etnográfico, histórico ou etno-histórico – preservando o espírito salutar de propor alternativas à dicotomia “externalismo X internalismo” que tem balizado a produção antropológica sobre o Nordeste/Leste e a Amazônia indígenas, nas últimas décadas, e que urge problematizar, mediante a criação de um espaço que acolha os distintos contextos etnográficos e as diversas perspectivas teórico-metodológicas que compõem a etnologia indígena no Brasil, assegurando-lhes interação e permanente exercício comparativo. Trabalhos de pesquisadores indígenas serão especialmente bem vindos.

Ter raízes e histórias: encontros pataxó com Hamã

Autoria: Antonio Augusto Oliveira Gonçalves (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Em Açucena (MG), os Pataxó vindos da Fazenda Guarani, em Carmésia (MG), e do território ancestral de Barra Velha, em Porto Seguro (BA), se reuniram e construíram uma nova aldeia dentro do então Parque Estadual do Rio Corrente, no Leste de Minas Gerais e, desde 2010, lutam para demarcar o novo território de Gerú Tucunã. Nessa caminhada à Tucunã, empreenderam movimento de fortalecimento espiritual, através do contato com os caboclos da mata e da água, índios do tronco velho, guerreiros ancestrais. A espiritualidade pataxó se relaciona, em grande medida, com as roças e o cultivo de árvores, sem as matas o contato dos Pataxó com determinados seres não se realiza. Em Tucunã se diz que em "terra boa, tudo que planta dá?", ao mesmo tempo que "botar roça" é uma forma de criar raízes e resistir no novo território. A condição da pessoa pataxó, txihi xohã ? "índio guerreiro" em Patxôhã ? se concebe na confluência entre o preparo de cultivares e a memória das caminhadas dos guerreiros (ancestrais e no presente). Nelas, os txihi se caracterizam pela falta de discrição e precaução, algo que aparece de maneira transposta ? negativa e positiva ? nas histórias que os/as anciãos/ãs contam aos/às mais jovens. Nesta comunicação, pretende-se descrever os encontros dos caçadores com Hamã e as transformações que eles acarretam.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: